

Interações Judaico-Cristãs e Cultura Literária Polêmica no Mediterrâneo Tardo-Antigo

RENATA ROZENTAL SANCOVSKY

Graduada em História e Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo, Professora de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

RESUMO Propõe-se analisar algumas das principais construções teológicas do gênero literário patrístico *Adversus Iudaeos*, notadamente produzidas entre os séculos IV e VII, em suas consonâncias e digressões com um vasto universo de cultura material. Se, por um lado, tal universo corresponde às redes sociais de produção e controle eclesiásticos e sinagogais, por outro, deles se afastam. Denotando intensa inventividade de seus construtores, suas naturezas arquitetônicas, epigráficas e materiais devem ser apontadas não apenas como expressões objetivas ou confirmações dos discursos reservados aos “desviantes”. Constituem-se, fundamentalmente, em rol de atitudes, táticas e estratégias utilizadas pelos sujeitos históricos envolvidos nos conflitos.

PALAVRAS-CHAVE História e Arqueologia; Literatura Eclesiástica; Literatura Rabinica; Antissemitismo Eclesiástico; Literatura Medieval Polêmica.

ABSTRACT We propose to study some of the major theological constructions of the *Adversus Iudaeos* literary genre produced between the 4th and the 7th centuries, taking into account their conformities and divergences within the vast universe of material culture. If, on the one hand, such a universe corresponds to the social networks of production and ecclesiastical and synagogal control, on the other, it diverges from them. Expressing the intense creativity of their authors, the architectural, epigraphical and material aspects of these works should be pointed out not only as objective expressions or confirmations of the discourses aimed to refer to ‘deviant’ groups, but also (and fundamentally) as an array of attitudes and strategies employed by those who are especially involved in Jewish-Christian relationships and conflicts.

KEYWORDS History and Archaeology; Ecclesiastical Literature; Rabinic Literature; Ecclesiastical Anti-Semitism; Polemical Medieval Literature.

Considerações sobre texto e discurso no estudo do universo literário medieval

Existe algo inerente à condição humana que perpassa a história e a as principais indagações sobre a existência, com o mesmo impacto e necessidade que possuem, por exemplo, a produção para a autosubsistência e as trocas de seus excedentes.

Referimo-nos, especificamente, à condição humana como simbólica, e à necessidade de devoção e explicação do ser como parte inseparável desse humano. Vemos as sociedades tardo-antigas e medievais constituírem-se a partir da construção de intuições mítico-religiosas, que visam a organizar, dar sentido à existência, ordenando o mundo e as comunidades através de linguagens extraídas de um universo sensível, intuitivo, perceptivo e imaginativo. Pela conjunção simbólica e mitológica do homem manifestada na linguagem, superava-se aquela condição do “homem racional” (CASSIRER, 2009), abrindo possibilidades de se forjarem organicidades e coerências às coisas do mundo. Pela sobreposição do simbolismo à *ratio*, elaboram-se representações e linguagens através de uma história, cujos eventos explicam, cada qual a sua maneira, a posição, função e destino da humanidade no cosmos.

O objeto do mito religioso, ainda segundo Cassirer (1994), é fornecer um modelo lógico para resolver contradições, mistérios, enigmas, e fundar algo instituinte na so-

cidade, através de um conjunto de ações definidas sobre a realidade, ou para se referir a ela. Portanto, os fenômenos religiosos não devem ser compreendidos, mas sim decifrados, porque seus campos semânticos são diferentes dos campos da linguagem usada pela ciência.

As religiões são expressões socialmente organizadas de manifestações do intuitivo e do sensível. Lutam contra a ideia de finitude do ser, e elaboram uma espécie de lógica de sistematização dessas manifestações. Criam-se leis, rituais, orações, hierarquias, instituições, locais de conagração, devoção, canalizando para o particular um conjunto de sentimentos que se supõem universais. As religiões, ao sistematizarem a fé, propõem-se agir no âmbito mais específico da vida humana em comunidade, acompanhando o ente no nascimento, na morte e, em muitos casos, estendendo seu controle social a partir do axioma da existência perene.

As formas mais essenciais, mais universais da consciência humana são resultado da visão mítico-religiosa de mundo: liberdade, imortalidade, eternidade, redenção e salvação. Por isso, pode-se afirmar categoricamente que nenhum ser humano escapa do mito. Embora não seja a única, a religião pode ser vista como a forma mais notória de organização dos mitos em sociedade, mostrando que os limites do humano não se encerram nas dimensões da esfera natural (animal ou vegetal), mas vão além, e são inteiramente flexíveis, quase infinitos.

Os historiadores, neste sentido, precisam estar sensíveis a estas expressões tão profundas da existência, cujas manifestações foram abundantemente documentadas (materiais, iconográficas, jurídico-legislativas, literárias, canônicas), concedendo-lhes lugar importante em suas análises sociais. É preciso situar as religiões como legítimas expressões do humano, localizando seus particularismos, suas linguagens, suas formas de organização no tem-

po, e não como fenômenos exógenos, destituídos de sentido, ou como meros resultados estruturais de vicissitudes socioeconômicas.

Assim, para ser possível estabelecer cabíveis relações entre universos de crenças, de construções simbólico-culturais da realidade e os meios sociais nos quais se encontram e se afirmam (BURKE, 1992) – sejam estes de origem material ou literária –, devemos elucidar a importância de dialogar com conjuntos conceituais da Sociologia das Religiões, da Antropologia Cultural e da Semiologia do Discurso.

Neste sentido, em defesa da legitimidade da literatura medieval como campo de estudo, o medievalista Paul Zumthor (2009) alerta para a necessidade de se suplantar, no processo de pesquisa, a atitude comum de tomar a análise do texto literário como “mera decodificação filológica”. Normalmente, tendia-se a se recusar tudo “o que se destacava das letras”, negando que o universo de significações que delas se depreendesse pudesse ser passível de análise, ou mesmo digno de apreciação crítica. Zumthor (2009) exige audácia analítica do medievalista ao se defrontar com os textos. Tomados como práticas sociais discursivas, os fatos literários ultrapassam a prática filológica/linguística e permitem a compreensão dos universos sociais dos produtores dos discursos e dos sujeitos históricos, objetos de suas discursividades.

Dessa forma, é necessário redefinir a textualidade medieval em termos de sua historicidade, de seus impactos sociais e semiotidades, o que equivale buscar os estatutos sociais dos documentos e os níveis de receptividade. Se para Roger Chartier (1996) e Paul Zumthor (1990) os textos percorrem todo o universo das representações das práticas e experiências sociais – objetivo último e fulcral da análise histórica –, é então premente a extensão do conceito de texto para além da práxis da cultura literária escrita.

Zumthor (2009) denuncia a dificuldade, até hoje percebida entre os medievalistas, de desligamento de uma História da Literatura ancorada em um positivismo mecanicista, tomada ainda pelo primado da forma e da “retidão intelectual”. Em detrimento do conteúdo, da ambientação, das recepções sociais dos discursos e das intencionalidades de seus autores, os medievalistas ainda se debruçam sobre os textos literários como se revelassem, por si mesmos, grandes estruturas lógicas e coerentes de compreensão. Desta forma os textos são insatisfatoriamente “concretizados”, recaindo-se em processos analíticos tautológicos, que não ultrapassam a superfície e a generalização.

Sabemos que os textos não se deixam apreender por si mesmos, e que nenhuma atividade crítica deve sucumbir a tal “primado da objetividade”, que camufla a necessidade de se trilhar caminhos sociais, que vão da produção do texto à recepção e apropriação dos discursos apreendidos. Tais caminhos são evidências do que Chartier (1996) denomina de “concretização do texto”, e tal deve ser a tarefa do historiador. É necessário, igualmente, “investir o objeto de sentidos”, mas que isso não signifique que o texto queira dizer tudo: “(...) Enquanto ele subsiste materialmente, o que ele diz é apenas uma visão nova, apropriada por leitores sucessivos daquilo que no começo ele declarou. Toda a hermenêutica de Dilthey a Gadamer e a Paul Ricoeur girou em volta desse problema” (ZUMTHOR, 2009, p. 48).

Aplicáveis aos estudos sobre a patrística Nicena e Pós-Nicena, à literatura rabínico-talmúdica, ou às dimensões materiais das disputas identitárias, Zumthor levanta uma série de pressupostos epistemológicos que podem, a contento, orientar os historiadores dedicados à análise hermenêutica das alterações discursivas, erigidas a partir dos conflitos judaico-cristãos. Da materialidade exibida pelas

polêmicas sobre o outro, à profusão literária de gênero polêmico, o autor identifica uma trilogia formada pela textualidade, teologia, e memória, a partir das seguintes linhas epistemológicas:

- 1) Todo texto pressupõe a existência de uma longa série de relações interpessoais dialógicas, sem dúvida móveis, e articuladas ao longo do tempo a partir dos próprios usos feitos sobre ele. Portanto, todo texto enuncia um conjunto de valores e práticas sociais.
- 2) É pelo viés das relações interpessoais dialógicas, inscritas na textualidade, que a História adentra ao debate sobre os discursos literários, no desejo de se aproximar aos sentidos possíveis da linguagem do outro. O texto é lido em busca do homem que nele reside. E o que se constitui existente é, finalmente, socializado pelo texto.
- 3) Afastando-se de todo e qualquer modelo de causalidade na explicação histórica, os textos representam lugares de semiose coletiva, localizados no campo da chamada “estética da recepção”.

Logo, na História do Mediterrâneo dos primeiros séculos medievais, de inquestionável profusão literária (BROWN, 1972), a argumentação e subjetivação sobre práticas e crenças religiosas, nas interpolações literárias sobre comportamentos ditos “desviantes”, tornam-se elementos antitéticos (KOSELLECK, 2006) e necessários à concepção mitológica de um “corpo social cristão” que, em equilíbrio ao cosmos, prefiguraria uma ontologia unitária, verdadeira e, sobretudo, universal.

Os embates institucionais intrínsecos ou decorrentes das proposições antitéticas em torno da verdade e do ser também são localizados pelo historiador no âmago de um vasto universo de cultura

material eclesiástica e sinagoga, embora não se resumam ao campo do conflito. Suas naturezas arquitetônicas, epigráficas e tumulares devem ser apontadas não apenas como expressões objetivas das políticas reservadas aos “desviantes”. Constituem-se, fundamentalmente, em rol de atitudes, táticas e estratégias utilizadas pelos sujeitos históricos envolvidos nos conflitos.

Da Antiguidade ao Medievo: relações judaico-cristãs na literatura religiosa mediterrânea

Igreja e Sinagoga, em suas práticas sociais, representações culturais e metáforas alegóricas podem ser aqui identificadas como símbolos de organicidades antagônicas construídas, e encontram-se no cerne de nossa discussão.

No que tange ao campo das manifestações discursivas antitéticas, opta-se metodologicamente pela análise e apresentação tipológica dos grupamentos discursivos deflagrados em séries de tratados polêmicos e exegéticos, considerados a partir da dilatação conceitual e alcances hermenêuticos do gênero literário *Adversus Iudaeos*.

Logo, ainda que alguns de seus principais expoentes tenham pertencido a diferentes períodos, regionalidades e escolas narrativas, é possível sistematizar e demarcar a retórica histórica do preconceito, aqui construída por importantes setores do episcopado mediterrâneo, uma vez configurada como “(...) retórica da intolerância, ou seja, da expressão do pensamento sobre a diferença, a desigualdade” (DELUMEAU, 1999, p.296).

No mapeamento do que ora se denomina de uma “hermenêutica da identidade sociorreligiosa” a partir das produções do século IV, permite-se apontar para a identificação de campos semânticos de si e do outro. São expressões indelévels das sociedades

tardo-antigas mediterrâneas em processo de cristianização. A escolha reside fundamentalmente na ideia de que os mecanismos discursivos presentes no gênero *Adversus Iudaeos* conferem historicidade ao pensamento intolerante sobre os judeus, conversos e cristãos judaizantes, sendo possível situá-los dentro de um universo semântico, representativo-discursivo, e considerar “(...) a retórica do preconceito como sendo uma das inúmeras formas de expressão do discurso social” (CARNEIRO, 1996, p.22)

Neste sentido, é relevante alertar para que os produtos intelectuais deste gênero literário polêmico não sejam vistos apenas como meios de reconhecimento, ou meros reflexos dos processos sociais que os inspiraram. Segundo Simona Cerutti (1998), a linguagem por meio do discurso é instrumento histórico capaz de agregar e gerar laços de solidariedade entre aqueles que dela compartilham.

Para Cerutti (1998), é fundamental que o discurso permaneça como impulso metodológico à pesquisa, e não o seu coroamento. Mais do que a própria relação entre discurso e estratificação social que engessa as possibilidades interpretativas sobre a intolerância, entende-se que a chamada “construção discursiva” por si mesma deve interessar ao historiador.

Consideremos então que a análise da linguagem é central para a investigação das práticas, experiências e representações culturais dos produtores de discurso (e onde for metodologicamente possível, na investigação dos códigos adotados pelos receptores desse discurso), além de permitir reavaliar as visões mecânicas que impuseram, até hoje, uma dependência direta entre o discurso e contexto social. Os indivíduos, ao formarem códigos linguísticos repletos de contradições e simbolismos, passam a constituir objeto de pesquisa, abrindo ao historiador novas possibilidades de entendimento do real.

Cabe reiterar que, perceptíveis na documentação, experiências e comportamentos sociais, muitas vezes, mostravam-se irredutíveis aos discursos. A exemplo dos problemas levantados na literatura patrística de natureza polêmica, nos deparamos com inúmeras oscilações quanto aos meios de abordagem da questão judaica.

Encontram-se sérias divergências entre o discurso político-apologético de estilo contido e diplomático, divulgado nas “Histórias oficiais”, e o fervoroso enfrentamento teológico, de fala contundente e vocabulário rancoroso, característico dos tratados polêmicos e altercações teatrais, nos quais pensamentos e instituições adquirem forma humana. Na *disputatio* encenada, uns são interrogadores, por direito legítimo, por anunciarem no plano terreno o “êxito das verdades anunciadas”, enquanto outros são interrogados e punidos, pública ou reservadamente, por seus “pecados e desvios eternos”.

Observa-se que a amplitude discursiva polemizante na documentação patrística da Antiguidade Tardia e dos primeiros séculos medievais indica, objetivamente, a necessidade e a funcionalidade na demarcação de lugares sociais em um contexto de fortes hibridismos identitários (LIMOR; STROUMSA, 1996, p.1-26). Construídos e definidos no discurso polemizante, atribuíam-se a cristãos e judeus, agora diferenciados em suas existências e destinos, os caminhos erigidos pela fusão entre práxis religiosa e crença (LIEU; NORTH; RAJAK, 1994, p.79-96).

A percepção teológica da patrística tendia a demarcar Judaísmo e Cristianismo como duas entidades absolutamente dissociadas e antagônicas, ressaltando a necessidade de convergência entre prática e crença, particularizadas para cada um desses grupos. Na verdade, as intenções e os símbolos usados pelos autores polemizantes tornam-se artefatos indiciários fundamentais para a reflexão das relações judaico-cristãs entre os séculos IV e VII,

além dos processos de cristianização em diversas dioceses do mundo mediterrâneo.

Um cenário de fortes heterodoxias pode ser evidenciado pelas demarcações de campos identitários que tanto insistiam em afirmar, através de recursos interpretativos e alegóricos.

Interações, ambiguidades e estratégias de convívio estariam longe de um ideal eclesástico de universalização da práxis religiosa pela fé. Dessa forma, os discursos voltados aos “judeus” variavam em suas acusações e tons de gravidade nos relatos. Pode-se afirmar que as polêmicas *Adversus Iudaeos* gravitavam por uma espécie de “Judaísmo imaginário” construído pelos autores, e com o qual os mesmos “debatiam” para, em última instância, condená-lo em sua totalidade.

Neste sentido, são nítidas as elaborações de campos semânticos envolvendo o Judaísmo, e suas diversidades podem ser atestadas a partir dos textos produzidos nos séculos IV e V.

A necessidade de se diferenciar cristãos de judeus levou a um conjunto de tipificações e símbolos em torno do que supostamente entendia-se como “Judaísmo”. Os “judeus” citados pela literatura polêmica representavam antes um conjunto muito mais extenso de sujeitos e grupos sociais desviantes do que apenas as comunidades judaicas renitentes, igualmente estereotipadas em suas práticas pelo gênero *Adversus Iudaeos*.

Os “judeus” da literatura polêmica eram também os conversos cristãos de origem judaica, os cristãos judaizantes, eclesásticos praticantes de rituais judaicos, os heréticos (Monofisistas), entre outros grupos cristãos heterodoxos como Ebionitas, Symmachianos, Nazarenos e Caelicolistas, associados a perfis judaizantes (SHARF, 1971). Presentes nos discursos patrísticos, eram semanticamente tomados como elementos pertencentes ao mundo da descrença, da desordem, e da hostilida-

de. Estavam em total contradição à configuração do *logos* platônico em *Verbum*, e da *Ecclesia*, vetores da mensagem revelada. Por isso, tornar-se-iam alvos sistemáticos e históricos da justa ira divina. Esses grupos encarnavam tudo aquilo que o dogma definia como “desvio judaico”. Eram todos, portanto, metaforicamente, judeus.

Assim, no âmago do universo literário em questão identificam-se três grandes tipologias discursivas dos tratados teológicos de gênero polêmico, sem deixar-se de mencionar o conjunto discursivo judaico coevo. De difícil definição tipológica, a literatura rabínica entremeava heteroglossias, jurisprudências e alegorias através de sua literatura tal-múdica e midráshica.

Diferentemente das considerações historiográficas de inclinação generalizante sobre a profusão literária das fases nicena e pós-nicena, opta-se aqui por dividi-la em grandes campos semânticos. Diferenciados por seus recorrentes instrumentos e objetivos, mas com profundas interseções, as produções polemizantes são situadas por importantes linhas discursivas:

1) **Linha Homilética/Moralizante**, voltada às ações pastorais de catecumenato e conversão, na exortação de seus leitores e ouvintes às analogias entre evangelização e práxis combativa e militante. Nesta linha localizam-se os principais tratados *Adversus Iudaeos* e homilias pastorais de João Crisóstomo, Agostinho de Hipona, Quodvultdeus de Cartago, Cesário de Arles, Ambrósio de Milão e Isidoro de Sevilha. Situam-se, igualmente, as homilias de Ambrósio de Milão, *Expositio Evangelii secundum Lucam*, e as cartas do bispo Severo de Menorca (*Epistola Severi Ad Omnem Ecclesiam*, *De Virtutibus Ad Iudaeorum Conversionem In Minoricensi Insula Factis In Praesentia Reliquiarum Sancti Stephani*), referentes aos relatos dos episódios de conversão da comunidade judaica de Mahón, em 417, e da chegada das relíquias do mártir Estêvão às Ilhas Baleares, através das iniciativas do bispo Paulo Orósio.

2) **Linha Disputatio/Altercatio**, direcionada à personificação e institucionalização dos conflitos judaico-cristãos através das representações da *Ecclesia* e *Synagoga*. Apresentam-se em formato dialógico e teatral, instituindo em suas personagens traços morais, comportamentais e atitudinais coletivos, cujos resultados convergem para o convencimento teológico e cristológico da verdade eclesiástica e a denúncia dos equívocos e erros judaicos. Nesta tipologia situam-se os escritos de Eusébio de Cesaréia, *Disputatio Christianorum et Iudaeorum Habita Romae coram Constantino et Helena*, de Quodvultdeus, *Altercatione Ecclesiae et Synagogae Dialogus*, o tratado *De Comparatione Ecclesiae et Synagogae*, do bispo Cesário de Arles, e os diálogos apresentados pela *Altercatio Simonis Iudaei et Theophili Christiani*, do bispo Evagrius.

3) **Linha Histórico-Narrativa**, perfazendo a trajetória das chamadas “Histórias Eclesiásticas”. Nestes textos, o judeu emerge como sujeito coletivo e figura antagonista necessária. Na dinâmica discursiva, é testemunho ocular não apenas do destino e crescimento da Igreja, como também de sua própria ruína e desvio. Nesta linha, destaca-se o trabalho de Eusébio de Cesaréia em *Historia Ecclesiastica*. Outro texto de sua autoria, a biografia produzida sobre Sylvestri I (314-335), traz importantes contribuições sobre a prática da *disputatio*, a partir de relatos sobre a participação do eclesiástico em altercação judaico-cristã, provavelmente convocada por Constantino.

4) **Linhas Narrativas na Literatura Rabínica Tardo-Antiga.** Como arcabouço documental fundamental para o estudo do universo socio-cultural judaico está a literatura talmúdica dos séculos IV e V. Sua estética narrativa apresenta dialógicas discursividades aramaicas, na conjunção de atributos alegóricos (*Hagadah*), doutrinários (*Halachá*) e jurisprudenciais (*Guemará*). Pautados em tradições rabínicas orais de origem palestina dos séculos I e II (*Mishnah*), os textos tardo-antigos e medievais constituem-se instrumentos documentais para análise das inflexões culturais judaico-cristãs e dos conflitos institucionais em jogo. Indicados proficuamente como principal fonte para o estudo do mundo judaico do período, neles encontram-se a construção simbólica de ideais essencialmente rabínicos de vida social, através de tópicos discutidos de forma difusa e inconclusiva dentro de seus sessenta e três tratados, valendo mencionar aqui apenas alguns: produção material urbana e rural, trabalho e subsistência, educação, sinagoga, rituais e liturgias, laços parentais e matrimoniais, sexualidade, monolatria e idolatria, criminalidades e proselitismo.

Horizontes de pesquisa sobre as polêmicas *Adversus Iudaeos* e as relações com fontes materiais

Nas últimas décadas, a cultura material tornou-se porta de entrada do historiador no universo da arqueologia. Os diálogos com uma antropologia histórica contribuíram para dar tratamentos renovados aos documentos materiais, inserindo-os, segundo Marcelo Rede (1996), em unidades de análise mais amplas e coerentes. Neste sentido, a escrita da História “a partir das coisas” permite que se pense para além dos textos literários. Instituin-

te do social, a cultura material está carregada de símbolos e significantes que as palavras ou textos escritos, na maioria dos casos, não nos revelam. Segundo Norberto Guarinello “(...) desde os anos 60, a semiótica e a antropologia têm buscado decifrar o mundo das coisas pensando-as como estruturas de linguagem – dotadas de significados” (GUARINELLO, 2005).

No âmago dos mais recentes debates teóricos sobre as interfaces entre a arqueologia e o saber histórico, a cultura material socialmente construída deve ser entendida como conjuntos de sistemas simbólicos, situados antes na esfera da ação do que de reflexos ou espelhos das organizações sociais. A cultura material como conjunto simbólico é instituinte do social, e não apenas constituída ou apreendida. Dotada de complexidade é, portanto, objeto de análise e decifração.

Através do uso de fontes de caráter material, impõe-se aos medievalistas uma série de obstáculos metodológicos. Reduzindo o peso absoluto atribuído às fontes literárias nas pesquisas em História da Antiguidade Tardia e da Alta Idade Média, o reconhecimento da cultura material (admitindo-se suas variantes iconográficas) estaria longe de gravitar pelo tratamento meramente descritivo. Por muito tempo, a arqueologia acreditava ser essa a sua função, agindo no sentido de confirmar os *corpi* documentais academicamente “consagrados”.

Rompendo com este rol de objetividades científicas, como bem ressaltam Guarinello (2005) e Rede (1996), a cultura material muitas vezes mostra-se contraditória e contraposta às fontes escritas, ou seja, esta cultura não deve ser metodologicamente operacionalizada no sentido de confirmar o conteúdo revelado pelo texto escrito/literário. Os retratos sociais possibilitados pela análise material são sempre polissêmicos, polifônicos, e descharacterizam os falsos consensos historiográficos

em torno da formação dos universos identitários judaicos e cristãos.

Por um lado, de fato, muito desta cultura material apresenta dimensões do conflito judaico-cristão que se poderiam apontar como condizentes às principais linhas literárias polêmicas *Adversus Iudaeos*. Entretanto, todas essas dimensões trazem significantes adicionais às disputas identitárias, como os mosaicos e representações pictóricas de inversão da simbologia judaica e as alegorizações pedagógicas das escrituras da Bíblia Hebraica.

Por outro lado, e na maior parte das vezes, os universos de cultura material judaica e judaizante atestam para a existência de desníveis entre as polêmicas e estereotípias trazidas pelos textos patrísticos e a práxis cotidiana da crença em sociedade.

De uma vasta gama de imponentes vestígios templários (LEVINE, 1982) de natureza sinagoga (CANTERA y BURGOS, 1955), registros epigráficos funerários de judeus, conversos e cristãos judaizantes (FELLE, 2007), a simples artefatos de uso cotidiano por camadas menos abastadas – como amuletos (BONNER, 1950) e lamparinas –, os fatos arqueológicos nos defrontam com inesperadas evidências de usos e apropriações culturais, na interface entre cultura rabínico-talmúdica, culturas simbólicas cristãs e representações mágicas de escopo romano-helenístico.

É correto hoje afirmar que a cultura material e a cultura epigráfica entre os séculos IV a VII não concretizam de forma imediata e cabal as proposições homiléticas e antitéticas encontradas no gênero literário polêmico *Adversus Iudaeos*. Não concretizam ainda as definições em torno de supostas “identidades judaicas” e “identidades cristãs”, consolidadas pelas metáforas e estímulos conflituosos de uma literatura que opõe, e define como antagônicas, Sinagoga e Igreja. Antes, apresentam fortes desníveis entre escrita e materialidade no *corpus*

documental, sendo este o grande desafio ao historiador medievalista.

Até hoje demarcado por análises de superfície sobre a formação histórica do antissemitismo teológico eclesiástico (LIMOR; STROUMSA, 1996), resumida ao rol de reflexões doutrinárias (WILKEN, 2004), homiléticas e de alterações dos textos patrísticos (PARKES, 1977), o campo de uma História das relações entre judeus e cristãos no mundo mediterrâneo ainda está por ser construído. Afirmamos que este deve adentrar um universo de culturas materiais polissêmicas, tomando-as como instrumentos empíricos contundentes dos interacionismos simbólicos praticados por judeus e cristãos dos primeiros séculos medievais, que utilizavam o Mediterrâneo como ponte entre o Ocidente e o Oriente.

REFERÊNCIAS

- ATTIAS, Jean-Christophe. *De la Conversion*. Paris: Centre D' Études des Religions du Livre/Du Cerf, 1997. (Patrimoines Religions du Livre).
- BURKE, Peter. *O Mundo como Teatro: Estudos de Antropologia Histórica*. Lisboa: Difel, 1992.
- BARCALA MUÑOZ, Andrés. *Biblioteca Antijudaica de los Escritores Eclesiásticos Hispanos*. Madrid: Aben Ezra Ediciones, 2005. 2.v.
- BAUER, Yehuda. “Antisemitism as a European and World Problem” in *Patterns of Prejudice*. London: The Institute of Jewish Affairs, v.27, n.1, p.15-24, 1993.
- BONNER, Campbell. *Studies in Magical Amulets Chiefly Graeco-Egyptian*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1950.
- BREGMAN, Marc. “Mishnah and LXX as Mystery: An Example of Jewish-Christian Polemic in the Byzantine Period” in LEVINE, Lee (ed.). *Continuity and Renewal. Jews and Judaism in Byzantine-Christian Palestine*. Jerusalem:

- Dinur Center for the Study of Jewish History/ Yad Ben-Zvi Press, 2004. p.333-342.
- BROWN, Peter. *Religion and Society in the Age of St. Augustine*. Eugene, Oregon: Wipf & Stock Publishers, 1972.
- BRUNS, Gerald L. "The Hermeneutics of Midrash" in Schwartz, Regina (ed.). *The Book and the Text; The Bible and Literary Theory*. Oxford: Basil Blackwell, 1990. p.189-213.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. "O Discurso da Intolerância: Fontes para o Estudo do Racismo" in *Dossiê Fontes Históricas: Abordagens e Métodos*. São Paulo: Faculdade de Ciências e Letras – UNESP. Campus de Assis. Programa de Pós-Graduação em História, 1996, p. 21-32.
- CANTERA y BURGOS, F. *Sinagogas Españolas*. Madrid: C.S.I.C, 1984. Reimpressão da 1. ed., 1955.
- CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o Homem: uma Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- _____. *Linguagem e Mito*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CERUTTI, Simona. "A Construção das Categorias Sociais" in BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. *Passados Recompostos; Campos e Canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/FGV, 1998, p. 233-241.
- CHARTIER, Roger. "A Leitura: uma Prática Cultural" in CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 229-253.
- DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- FELLE, A. E. "Judaism and Christianity in Light of Epigraphic Evidence (3rd-7th cent.CE)" in Henoch: *Studies in Judaism and Christianity from Second Temple to Late Antiquity*. Morcelliana (Brescia, Italy), com apoio do Michigan Center for Early Christian Studies, v. 29, n. 2., 2007, p. 354-377.
- FUNARI, Pedro Paulo; ZARANKIN, Andrés; STOVEL, Emily (eds.). *Global Archaeological Theory: Contextual Voices and Contemporary Thoughts*. New York: Kluwer Academics Publisher, 2005.
- GALLEGO BLANCO, Enrique. *Relaciones entre la Iglesia y el Estado en la Edad Media*. Madrid: Revista de Occidente, 1973. (Biblioteca de Política y Sociología).
- GOFFMAN, E. *Estigma; Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. "Archaeology and the Meanings of Material Culture" in FUNARI, Pedro Paulo; ZARANKIN, Andrés; STOVEL, Emily (eds.). *Global Archaeological Theory: Contextual Voices and Contemporary Thoughts*. New York: Kluwer Academics Publisher, 2005, p. 19-27.
- HIRSHMAN, Marc. *A Rivalry of Genius: Jewish and Christian Biblical Interpretation in Late Antiquity*. Albany: SUNY Press, 1996.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado. Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.
- LEVINAS, Emmanuel. *Do Sagrado ao Santo: Cinco Novas Interpretações Talmúdicas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- LEVINE, Lee (ed.). *Ancient Synagogues Revealed*. Detroit: Wayne State University Press, 1982.
- _____. (ed.) *Continuity and Renewal. Jews and Judaism in Byzantine-Christian Palestine*. Jerusalem: Dinur Center for the Study of Jewish History/ Yad Ben-Zvi Press, 2004.
- LIEU, Judith; NORTH, John; RAJAK, Tessa (eds.). *The Jews among Pagans and Christians in the Roman Empire*. London and New York: Routledge, 1994.
- LIMOR, Ora; STROUMSA, Guy G. (eds.). *Contra Iudaeos; Ancient and Medieval Polemics between Christians and Jews*. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1996.
- MACCOBY, Hyam. *Judaism on Trial: Jewish-Christian Disputations in the Middle Ages*. London: Littman Library of Jewish Civilization, 1993.
- NEUSNER, Jacob. *The Yerushalmi – The Talmud of the Land of Israel: An Introduction*. Northvale, New Jersey, London: Jason Aronson Inc., 1993.
- PARKES, J. *The Conflict of the Church and the Synagogue; A Study in the Rise of Antisemitism*. 3.ed. London: Soncino, 1977.

REDE, Marcelo. "História a partir das Coisas: Tendências Recentes nos Estudos de Cultura Material" in *ANAIS DO MUSEU PAULISTA*. São Paulo, Nova Série, 4, 1996, p. 265-282.

THE SONCINO TALMUD. Chicago: Davka Corporation/Judaica Press Inc, 1996. Disco compacto: digital. The CD-ROM Judaic Classics Library.

SHARF, A. *Byzantine Jewry*; From Justinian to the Fourth Crusade. London: The Littman Library of Jewish Civilization, 1971.

SNODGRASS, Anthony M. *An Archaeology of Greece*; The Present State and Future Scope of a Discipline. Berkeley; Los Angeles; Oxford: University of California Press, 1987.

STANTON, Graham N.; STROUMSA, Guy G. (eds.) *Tolerance and Intolerance in Early Judaism and Christianity*. Cambridge University Press, 1998.

STROUMSA, Guy G. *The End of Sacrifice*; Religious Transformation in Late Antiquity. Chicago: Chicago University Press, 2009.

TEPLER, Yaakov. *Birkat haMinim*; Jews and Christians in Conflict in the Ancient World. Tübingen: Mohr Siebeck, 2007. [Texts and Studies in Ancient Judaism, 120]

WILKEN, Robert L. *John Chrysostom and the Jews*; Rhetoric and Reality in the Late 4th Century. Ewing, New Jersey: California University Press, 2004.

WILLIAMS, Lukyn. *Adversus Iudaeos*. Cambridge, 1935.

ZUMTHOR, Paul. *Falando de Idade Média*. São Paulo: Perspectiva, 2009. [Debates, 317].

_____. *Performance, Recepção, Leitura*. São Paulo: EDUC, 1990.

Recebido em 05/05/12

Aceito em 20/06/12